

Comunhão Anglicana. Ainda vale a pena?

Luiz Carlos Teixeira Coelho Filho

Introdução

Nos últimos anos temos sido bombardeados com levadas de informação nunca antes vistas sobre a Comunhão Anglicana Mundial. De uma hora para a outra, expressões como Comunhão Anglicana, Arcebispo de Cantuária, Primazes, Sul Global e outras entraram no vocabulário corriqueiro do anglicano brasileiro.

É interessante observar que o Brasil não entrou nesse baile político-anglicano como mero observador. Ao contrário, acabou tornando-se ator coadjuvante nesse cenário, em decorrência dos múltiplos cismas que se sucederam na Diocese do Recife, sendo o último deles a intra-Comunhão, com a recepção do bispo deposto e de clérigos que abandonaram a comunhão da IEAB por um primaz de outra província anglicana.

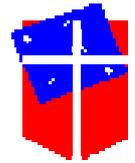
O recrudescimento entre as relações inter-provinciais e a ineficácia do Arcebispo de Cantuária em equilibrar tais tensões e minimizá-las nos traz frequentemente a seguinte pergunta: "Ainda vale a pena tal Comunhão?" De uma hora para a outra, todas as instituições e valores que como anglicanos sempre prezamos tornam-se de tal modo insustentáveis que considera-se seriamente a possibilidade de sair – da Comunhão ou até mesmo da Igreja.

Este artigo pretende expor sucintamente o histórico dos atuais desenvolvimentos na Comunhão Anglicana, bem como desmistificar os principais mitos que foram criados nos últimos anos. Finalmente, uma nota conclusiva pretende apresentar possibilidades e justificativas para a preservação da comunhão entre anglicanos ao redor do mundo.

1. O Histórico de um Cisma

O leitor mais desavisado poderia supor que o cerne do cisma encontra-se ao redor da questão homossexual. De fato, foi esse o estopim de uma crise que estava anunciada muitos anos antes, e que de certa forma acontecerá com outras denominações nos próximos anos.

Para entender um pouco do clima que se formou atualmente, é preciso voltar o tempo e relembrar o impacto surpreendente que teve o Movimento de Oxford na vida da Igreja Inglesa (e posteriormente do Anglicanismo Mundial). Tal movimento visava



restaurar a catolicidade do Anglicanismo, que tinha se mantido em sua essência, mas sofria grande influência de leituras reformadas (como atestam os trinta e nove artigos). De início, os tractarianos (como foram chamados em decorrência de seus "Tracts for the times" - panfletos com o intuito de divulgar os principais aspectos da catolicidade anglicana) se contentaram com questões teológicas e de vida cristã. O *Tract 90*, escrito por Newman (o qual, posteriormente, converteu-se ao Catolicismo Romano), propunha uma interpretação muito mais radical aos trinta e nove artigos, abrindo caminho para a restauração de práticas, vestes e rituais que tinham sido esquecidos ou bastante desencorajados, especialmente após a ditadura puritana. A segunda geração de anglo-católicos restaurou o uso de hóstias ao invés de pão, vinho misturado com água, vestes eucarísticas, incenso, velas no altar, preservação do sacramento, entre outras práticas. Concepções mais católicas da comunhão dos santos logo levaram ao fortalecimento da invocação dos santos, da oração pelos mortos e de várias festas do calendário cristão que tinham sido igualmente desencorajadas durante o período de predominância evangélica na Igreja da Inglaterra.

O espírito romântico que se popularizava na Europa contribuiu para a restauração dos valores medievais e, no seio da Igreja, o catolicismo medieval inglês autônomo a Roma e o anglicanismo de Henrique VIII (o qual foi muito leve em reformas) eram vistos como o ideal para a Igreja da Inglaterra. À medida que as cidades cresciam com a Revolução Industrial, novas e novas igrejas eram construídas seguindo padrões medievais, sendo o gótico o estilo preferido, com altares e retábulos em estilo inglês, cancelas para o câro, comungatórios, genuflexórios e um uso cada vez mais intenso de janelas decoradas com vitrais, iconografia e esculturas.

Em pouco tempo, grande parte dos anglicanos abraçava tais valores. O Anglo-Catolicismo mostrou um diferencial em relação ao Catolicismo Romano que impediu uma leva ainda maior de conversões para aquela Igreja (as quais eram populares naquela época). Por mais que tais questões tenham sido levadas frequentemente a cortes eclesiásticas e até mesmo tribunais, os bispos evangélicos se viram cada vez mais forçados a aceitar os anglo-católicos, até porque na época de domínio evangélico na Igreja, não souberam revogar rubricas e normas que deram a possibilidade aos chamados "ritualistas" de se fortalecerem novamente séculos depois. O espírito do acordo elizabetano tinha sido revivido.

Paralelamente a essa revolução, surge outra controvérsia: Charles Darwin publica suas teses sobre a evolução das espécies, causando mais debates dentro da Igreja da Inglaterra¹ onde um grupo de clérigos liberais já começa a se delinear.

¹ McGrath, Alister. Fundamentos do Diálogo entre a Ciência e a Religião. São Paulo: Loyola, 2005.



É da mesma época a controvérsia de John William Colenso, Bispo de Natal, na África do Sul, o qual foi seriamente hostilizado por suas interpretações menos literais da Bíblia. A deposição do mesmo pelo Arcebispo do Cabo não resolveu o assunto, e Colenso obteve vitórias em cortes de apelação. A controvérsia foi uma das causas do início das Conferências de Lambeth, inclusive.

A flexibilização da liturgia, a variedade de crenças e interpretações dos artigos de fé e o fortalecimento da teologia liberal foram marcas do fim do século XIX que logo se espalharam no mundo anglicano e prepararam o Anglicanismo para o século XX. O assim-chamado Quadrilátero de Chicago-Lambeth foi uma solução de compromisso, que definiu os critérios mínimos para comunhão dentro da estrutura eclesial anglicana. É uma fantástica solução de compromisso, que permitiu assegurar os principais pontos da catolicidade do anglicanismo sem pender para nenhum dos lados em disputa naquele momento (anglo-católicos ou evangélicos, em suas vertentes liberais ou conservadoras). Abriu-se uma via concreta para a tão-falada inclusividade anglicana que viria a seguir.

Entretanto, de fato, ao criar tal solução, um grupo perdeu seu status quo. Tais anglicanos, de orientação evangélica e conservadora (e freqüentemente em sua vertente calvinista), viram-se obrigados a ceder em um ponto que nunca cederam anteriormente. É possível que essa tenha sido uma das razões (aliada ao próprio ímpeto missionário da época) que os levou a dedicarem-se ao trabalho missionário principalmente na África. Agrupando-se sobretudo em torno de sociedades missionárias inglesas como a CMS (Church Mission Society) e SAMS (South American Mission Society), tais anglicanos, onde se estabeleceram, tenderam a uma vertente mais conservadora, até mesmo fundamentalista, e mais voltada a denominações evangélicas que às próprias outras vertentes do anglicanismo em si. Essa dicotomia é uma das causas da atual divisão da Comunhão Anglicana.

Mark Harris aponta que, onde houve trabalho missionário de agências inglesas menos unilaterais, como a USPG (United Society for the Propagation of the Gospel) ou trabalho missionário americano (já que a Igreja Episcopal centralizou sua atividade missionária em uma só agência), o resultado hoje em dia é de províncias mais tolerantes à diversidade de pensamento e liturgia, ainda que consideradas conservadoras². Em tais lugares, a presença de missionários de diversas linhas, seminários e orientações teológicas permitiu, de certa forma, recriar a atmosfera do anglicanismo mundial em nível provincial. Esse foi o caso, em boa parte da América Latina, Ásia, Oceania e em certas províncias africanas.

² Harris, Mark. *Are the English Mission Societies fighting a war by proxy, with the Episcopal Church as the turf?*: <http://anglicanfuture.blogspot.com/2006/12/are-english-mission-societies-fighting.html>



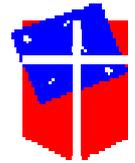
Em paralelo a isso, a teologia liberal pavimentou o caminho para a ordenação feminina e a inclusão homossexual, que viriam a ser tematizadas nas décadas seguintes. De certa forma, o que se discute em teologia liberal hoje em nada é absolutamente novo, senão refinamentos do que se pensava há décadas (ou até mesmo há mais de um século). A queda de tais tabus na sociedade é que permitiu à teologia liberal adaptar-se para incluir tais minorias na Igreja quando elas conseguiram obter o devido espaço para batalharem por seus direitos civis.

Por razões alheias ao escopo deste artigo, a vertente católica do Anglicanismo (e especialmente os católicos de sarum) abraçou o liberalismo teológico com maior facilidade que a vertente evangélica. Além disso, a ênfase em unidade e comunhão entre católicos é muito maior. É abominação para um anglo-católico a possibilidade de cisma, só havendo como solução para aqueles mais conservadores (em geral os de orientação tridentina) a reunificação com Roma (o que causou considerável êxodo recente em virtude da ordenação feminina).

Assim, a sagração do bispo de New Hampshire ou o rito de bênção de uniões homossexuais em New Westminster em nada simbolizaram algo novo que surgiu na Comunhão Anglicana. De fato, era conhecido de todos que havia um amplo partido, especialmente no mundo desenvolvido de fala inglesa, que era a favor de tais movimentações no seio da Igreja. A proposta aliança de (sobretudo) evangélicos conservadores que surgiu em decorrência de tais acontecimentos é apenas mais uma tentativa de reter um poder que tem sido gradativamente perdido há, pelo menos, cento e cinquenta anos. Por não terem medo de cisma, sabem muito bem como e quando agirem.

Nos últimos anos, uma série de comissões, documentos e reuniões têm sido efetuados no seio da Comunhão Anglicana. Muitos se questionam o quão normativos tais documentos podem ser. É fato que de certa forma, serviram para acalmar os ânimos entre conservadores que tendem a um acordo, já que ambas as províncias da América do Norte cederam temporariamente em seus avanços. Entretanto, é visível a saída de um grupo, não importa o que aconteça. Suas ações já foram excessivamente ousadas para não mais poderem voltar atrás. Usam de uma tática simples: agem unilateralmente, incorporando paróquias, missões e até mesmo (supostas) dioceses de outras províncias. Ao fazê-lo, violam princípios básicos como o não-cruzamento de fronteiras episcopais, definido no Concílio de Nicéia, há mais de um século. Violam também diretrizes e requisições da Comunhão Anglicana em diversos documentos oficiais, os quais pedem que não haja mais cruzamento de fronteiras eclesiásticas. Atualmente, Nigéria, Quênia, Uganda, Ruanda e Cone-Sul possuem ex-paróquias e missões norte-americanas (e, em alguns casos, canadenses) afiliadas a eles.

Peculiar para nós é o caso da Diocese do Recife paralela à reconhecida pela



IEAB e Comunhão Anglicana. Ao receber o bispo deposto e seu clero leal, o Arcebispo do Cone Sul usou de argumento o fato de que estaria dando uma espécie de “tutela antecipada” àqueles anglicanos do Recife, até que o caso fosse “julgado” em esfera superior. Com recentes movimentos de criação de igrejas fora da área original da DAR, talvez tal hipótese não mais explique mais a razão de tal incursão.

O fato é que o cruzamento de fronteiras tende a aumentar, e já há rumores de que alcançará outras províncias. À luz de recentes declarações das províncias sob escrutínio, as quais apontam para algum tipo de moratória ou acordo, os bispos que realizam tais atos geralmente alegam, mesmo assim, que as províncias “invadidas” estão indo contra o “cristianismo bíblico” ou se afastando da fé entregue aos santos.

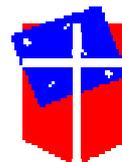
Em poucas palavras: iniciam usando como argumento o desrespeito à “norma da comunhão”, citando documentos oficiais (mesmo não sendo normativos, e sim de caráter de aconselhamento, como as resoluções de Lambeth). Usando tal argumento, realizam suas incursões em outras províncias. Quando tais províncias respondem positivamente a um processo de acordo, alegam que seus bispos mentem e que, mesmo assim, continuarão com suas incursões. Passam a impor condições ainda mais exigentes para a possível devolução de tais paróquias – condições essas que vão muito além das requisitadas pelos órgãos da Comunhão Anglicana. Por fim, suas táticas mais recentes incluem ameaças à autoridade do Arcebispo de Cantuária e boicote à Conferência de Lambeth 2008³.

O cisma, infelizmente, já é bastante visível. Suas raízes, contudo não são de agora, mas de muito tempo. Importante é perceber quem, de fato, permanece anglicano – ou seja: o que é ser anglicano em meio a esta crise? O que é fazer parte da Comunhão Anglicana? Tal questão será melhor discutida no fim deste artigo. Antes, é interessante comentar sobre alguns mitos criados neste processo.

2. Mitos sobre a crise na Comunhão Anglicana

Já diz o provérbio: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. E, de certa forma, todos os lados da disputa em andamento geraram relatos que muitas vezes não correspondem à atual realidade da Comunhão, e precisam ser desmistificados. Mas então, que mitos são esses?

³ The Road to Lambeth (documento apresentado na Conferência de Províncias Africanas em 2006): http://www.globalsouthanglican.org/index.php/comments/the_road_to_lambeth_presented_at_capa/



MITO 1: A Comunhão Anglicana encontra-se dividida numa disputa entre católicos liberais e evangélicos conservadores.

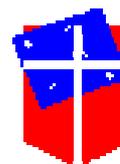
Embora, como já foi citado neste mesmo texto, a vertente católica do Anglicanismo se liberalizou teologicamente em maior proporção, nem todos os anglo-católicos são liberais. Há uma minoria razoável que se uniu, principalmente em países desenvolvidos, em torno da entidade "Forward in Faith", em oposição originalmente à ordenação feminina (e posteriormente às outras controvérsias na Comunhão Anglicana).

Além disso, é muito difícil traçar uma linha entre o que é ser evangélico e o que é ser católico dentro da Comunhão Anglicana hoje em dia. Diz-se que a chamada "broad church" (igreja ampla) foi a grande vitória do Anglo-Catolicismo, pois várias paróquias, missões e seminários passaram a adotar em maior ou menor grau, os princípios do movimento de Oxford. Assim, criou-se um contínuo de liturgia e teologia dentro do Anglicanismo e, na prática, é nesse meio termo que a teologia liberal se entrincheirou mais facilmente, e não no anglo-catolicismo por si só. É errôneo simplificar o gradiente de matizes do Anglicanismo e alegar que toda paróquia onde se usam hóstias e vestes eucarísticas é anglo-católica. E é daí que decorre a análise errada deste mito.

Além disso, os evangélicos anglicanos também não podem ser classificados em um grupo apenas. Na Igreja da Inglaterra, onde são um grupo razoavelmente forte (cerca de 30%), há basicamente quatro tipos de evangélicos⁴: conservadores, carismáticos, moderados ("open evangelicals") e inclusivos ("welcoming evangelicals"). De um modo geral, pode-se verificar um contínuo de opiniões relativas aos temas mais recentes (como ordenação feminina e de homossexuais), que vai dos mais conservadores aos mais liberais. Dentre eles, o grupo mais numeroso é o de moderados, que abraçaram plenamente o ministério feminino, mas mantêm uma posição pública contrária à homossexualidade, embora pastoralmente haja uma diversidade de práticas.

Por fim, desencorajo qualquer rotularização simplificada de correntes dentro do anglicanismo, como a famosa tríade "evangélicos", "católicos" e "liberais". Tal definição, a meu ver, procura colocar numa mesma classificação, grupos que se definem de forma diferenciada (os dois primeiros são entendidos dentro de sua visão teológica, litúrgica e modo de vida, enquanto o último está mais diretamente ligado à teologia somente). Existem comunidades ao redor da comunhão que não cairiam em tal classificação. Assim, percebo que é mais acertado, caso se queira fazer uma análise mais profunda, abrir o leque de opções para evangélicos (tanto tradicionais quanto carismáticos) liberais, moderados e conservadores, anglo-católicos (tanto

⁴ Evangelicals. Descarregado em: <http://www.fulcrum-anglican.org.uk>, 2006.



tradicionalistas como adeptos das inovações pós-Vaticano II devidamente adaptadas ao anglicanismo) liberais, moderados e conservadores e também aqueles da igreja ampla, que se enquadram teologicamente como liberais, moderados e conservadores. Cada subgrupo tem suas peculiaridades, e há áreas de superposição até entre aqueles nos quais seria muito improvável.

MITO 2: O liberalismo teológico causou a diminuição da membresia das igrejas no mundo desenvolvido

Este é um tópico freqüentemente discutido. As igrejas históricas, sobretudo na América do Norte, apresentaram queda em membresia que aparenta ser proporcional à "liberalização" de sua teologia. Mas a verdade é que o fenômeno religioso na América do Norte (e, em parte, na Europa) é muito mais complexo que isso. Basicamente, todas as igrejas históricas - conservadoras ou liberais - apresentaram queda proporcional. Por exemplo: A Igreja Episcopal dos EUA apresentou queda praticamente similar à Igreja Luterana do Sínodo de Missouri (considerada a Igreja Luterana "conservadora", em oposição à Igreja Evangélica Luterana da América).

É verdade que houve quem deixasse as igrejas mais liberais por conta de seu liberalismo. Entretanto, houve aqueles que deixaram as igrejas conservadoras por conta de seu conservadorismo. De certa forma os números se equivalem nesse balanço. Muito mais assustador são os que deixaram as igrejas - conservadoras ou liberais - para não mais voltar a elas.

Por um lado, tais igrejas foram o esteio da sociedade norte-americana, o que acabou levando a concentrarem uma elite intelectual. Muitos desses se secularizaram de tal forma que, em sua espiritualidade, a instituição-Igreja já não cabe. É interessante perceber que nas estatísticas, muitos crêem em Deus, mas simplesmente não vêem mais necessidade em seguir uma religião específica, especialmente atualmente, já que fazer parte do clube-igreja já não garante status ou privilégios na maioria das sociedades desenvolvidas. Outros abandonaram as igrejas devido à inconsistência da leitura fundamentalista de uma quantidade considerável passagens bíblicas. Outros deixaram porque suas igrejas não se tornaram liberais o suficiente em tempo de prover uma explicação coerente para isso.

É interessante perceber que alguns acabam retornando. A Igreja Episcopal, por exemplo, obteve crescimento de cerca de 18% na década de 1993-2003. É claro que não suplanta a queda das décadas anteriores, mas mostra que alguns retornam quando vêem a Igreja vencendo coisas que para eles, são condições *sine qua non* de membresia.

Mas será que todos voltam apenas por isso? Outros deixaram por não se adequarem à liberalização teológica que levou à participação de sacerdotes em



manifestos por direitos civis dos negros, à ordenação feminina e crescentes direitos dos homossexuais no seio da Igreja e da sociedade. É errôneo relacionar a evasão apenas à causa homossexual, já que trata-se de um fenômeno que entrou em evidência bem recentemente. A evasão começa já na luta pelos direitos dos negros e causou certa mudança no perfil do protestante das igrejas históricas nos EUA... De conservador politicamente, passa à chamada esquerda.

Entre os que saíram, uns foram para o ateísmo, agnosticismo ou cristianismo nominal. Outros migraram para outras igrejas, menos democráticas, mais simplistas em liturgia, música e liderança (muitas das quais são parte do movimento não-denominacional e neo-pentecostal), muito embora a contribuição deles seja ínfima, já que tais movimentos são inflados pelas classes baixas e imigrantes. Aliás, a imigração causou um aumento tanto pentecostal quanto católico romano. Os descendentes de imigrantes, entretanto, caem na norma cultural americana e também tendem ao secularismo em uma proporção razoável.

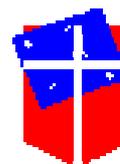
A imigração também tem sido utilizada como oportunidade pelas igrejas históricas. Praticamente todas têm criado ministérios hispânicos e asiáticos e, segundo recente documento da Igreja Episcopal, foram as duas áreas que acusaram crescimento considerável nos últimos anos, e que mereceriam mais investimentos.

Com esse quadro, há duas opiniões comuns em foros e análises pessoais. Basicamente, liberais tendem a dizer que as quedas são fruto de transformações para que a Igreja seja mais inclusiva, e que quando a Igreja se estabilizar num consenso, voltará a crescer. Os conservadores alegam que as quedas são devidas à teologia liberal e continuarão a aumentar mais e mais. O fato é que, a título de exemplo ainda na Igreja Episcopal⁵ dioceses à beira do cisma, como Pittsburgh (predominantemente evangélica) e Fort Worth (predominantemente anglo-católica) ocupam posições de pouco destaque no crescimento em termos de paroquianos no período 1993-2003. Dioceses tidas como liberais, como Califórnia e Nova Iorque, encontram-se bem acima na mesma tabela, junto a dioceses conservadoras e moderadas. As razões são variadas e não há fórmula estrita para tal.

MITO 3: As Igrejas na América do Norte são liberais, anti-bíblicas e apóstatas e abraçaram os ensinamentos revisionistas de teólogos como o Bispo John Shelby Spong. Liberais em outras partes do mundo visam a promover a mesma agenda, contra os anglicanos ortodoxos.

Primeiramente, é preciso retirar a conotação leviana que foi dada recentemente aos termos "liberal" e "progressista". O liberalismo teológico está no meio anglicano

⁵ (segundo o documento *Growth/Decline in The Episcopal Church, 1993-2003 and 2002-2003*),



há mais de um século, e dividido em diversas fases⁶. É tão enraizado atualmente no jeito anglicano de ser que é praticamente impossível encontrar anglicanos com um razoável nível de formação teológica que não abracem visões liberais em certo grau.

O Bispo Spong é um capítulo à parte na história do Anglicanismo mundial. Sua sagração foi uma das mais controversas da história da Igreja Episcopal, pois à época previa-se já que ele se tornaria um segundo Bispo Pike. Teologicamente, é possível que sim, mas sua conduta pessoal sempre foi tida como honesta e ordeira, e tal bispo veio a terminar um longo episcopado (não sem problemas internos, como uma imensa queda de membresia) muitos anos depois. Seus livros foram e ainda são muito populares, devido à forma generosa e franca como trata de assuntos tidos como tabus. Entretanto, nos bancos de seminários, Spong não é considerado um grande mestre. Sua teologia desconstrói amplamente visões conservadoras, mas nada coloca em seu lugar, retirando em grande parte o misticismo e a espiritualidade do Cristianismo. Em vários aspectos, não é muito diferente dos textos de “apologética” atéia. É muitíssimo mais fácil que tais seminários estejam abraçando a teologia de Tillich que a teologia de Spong.

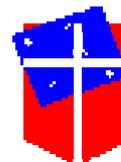
Além disso, como atesta Calvani⁷, os liberais dão, sim, valor às Escrituras Sagradas, e dedicam muito de seu tempo ao estudo da Bíblia. Aqueles liberais de tradição anglo-católica dão uma ênfase ainda maior à tradição da Igreja que muitos evangélicos conservadores. E, embora haja liberais que proponham visões “exóticas” para os credos da Igreja, uma imensa quantidade deles os lê da mesma forma que os conservadores.

Por fim, convém ressaltar que a palavra “ortodoxia” também tem sido muito mal empregada no seio da Comunhão Anglicana. Ortodoxia, originalmente, significa “ensinamento correto”, e, num contexto religioso, não ser ortodoxo (ser heterodoxo) seria o mesmo que se opor aos ensinamentos daquela Igreja. Entretanto, no Anglicanismo, sempre se pregou uma ortodoxia generosa, que permite a diversidade de idéias. Tal assunto será melhor discutido na conclusão.

MITO 4: O entendimento da homossexualidade como normal e das relações homossexuais monogâmicas como abençoadas é anti-bíblico e, conseqüentemente,

⁶ Calvani, Carlos Eduardo. “O mito da Comunhão Anglicana – entre a mediocridade e a inclusividade”. *O Desafio da Inclusividade – Simpósio Acadêmico de Teologia Anglicana*. Porto Alegre, CEA, 2005.

⁷ Calvani, Carlos Eduardo. *O Liberalismo Anglicano*. http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/teologiaanglicana/liberalismo_anglicano_calvani.pdf



anti-cristão. Dar lugar à inclusão homossexual na Igreja causará, em breve, o abandono dos credos e a criação de uma nova religião unitária-universalista.

Embora haja cristãos que crêem ser a homossexualidade pecado, não se pode dizer que aqueles que discordam dessa opinião não sejam cristãos, e nem levem a sério a Bíblia. Muitos deles se dedicaram a estudos teológicos a fim de investigar o contexto e a tradução original dos vocábulos envolvidos nas passagens bíblicas usadas para condenar os homossexuais. Um resumo de tais estudos vem a seguir:

De forma sucinta, pode-se ver que a citação de levítico (Lv 18:22) é uma das mais facilmente descartadas. Basicamente, Levítico trata da lei cerimonial e o vocábulo traduzido como "abominação" em português, em hebraico, significa "impureza ritual" e não "pecado". O ato homossexual, ritualmente, era tão impuro quanto uma mulher menstruada (Lv 15:19-24), usar roupas de dois tecidos (Lv 19:19) ou comer moluscos (Lv 11:10).

O pecado de Sodoma e Gomorra (Gn 19) é, na pior das hipóteses, a tentativa de estupro e a promiscuidade sexual. Não se sabe se queriam manter relações sexuais ou espancá-los e matá-los. Em outros trechos bíblicos, a ligação entre homossexualidade e o pecado de Sodoma meio que se desfaz (ver Ez 16:49, Sb 19:13, Mt 11:23-24).

No Novo Testamento, todas as passagens usadas para este fim são paulinas. Na prática, só São Paulo fala de sexo. Jesus, é verdade, repete uma citação da Torá na querela sobre o divórcio, onde menciona sobre o casamento, mas nunca fala diretamente sobre a homossexualidade, embora haja aqueles que alegam que o vocábulo original em grego, traduzido como eunuco, também significa homossexual. Tais exegetas interpretam como homossexuais os que "nascem eunucos" (Mt 19:12). Ainda, no episódio da cura do centurião (Mateus 8:5-17), o vocábulo original em grego, que chegou a nós como "servo", também era utilizado para designar o amante homossexual de um homem.

Da passagem de I Coríntios 6:9, os vocábulos traduzidos como "sodomitas" e "efeminados" na verdade são traduções de equivalência dinâmica. As palavras originais em grego koiné eram desconhecidas dos tradutores, os quais supuseram para elas um sentido. No século XIX, várias bíblias continham "masturbadores" ao invés de "efeminados". No decorrer do século XX, traduções mais modernas começaram a questionar essas traduções também. Bíblias mais contemporâneas, como a Bíblia de Jerusalém, trocaram tais vocábulos por "imoralidade sexual". Hoje, a maioria dos exegetas concorda que o vocábulo traduzido por efeminados (malakoi - em grego, ao pé da letra, "macio"), na verdade, se refere aos catamitas - meninos feitos prostitutas em templos pagãos. O outro termo (arsenokoitai), ao pé da letra "homem de várias camas" ou "homem na cama" é simplesmente impossível de se



chegar a uma conclusão sobre. Traduções mais recentes o colocam como "imoral sexual".

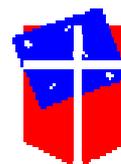
Assim, na prática, a única passagem que se refere diretamente ao ato sexual entre dois homens (e, dependendo da interpretação, de duas mulheres) é Romanos 1. Quem acha que Romanos 1 deve ser entendido no contexto da época vai argumentar que se tratava, naquele contexto, de prostituição cúltica, e não de relacionamentos em amor entre duas pessoas do mesmo sexo. Ou seja, a crítica de São Paulo aos antigos pagãos que se envolviam em relacionamentos homossexuais era, na verdade, àqueles que se prostituíam em templos pagãos, e não a um casal comprometido, amável e fiel. Não é muito diferente do argumento que permitiu às mulheres exercerem funções de liderança na Igreja e o re-casamento de divorciados.

Por isso, entender ou não a homossexualidade como moralmente aceitável é uma discussão muito menos divergente que, por exemplo, livre arbítrio ou predestinação. Na prática, é uma dúvida de interpretação de uma passagem bíblica apenas (Rm 1). Todas as outras passagens são descartáveis. A divisão está em como se vê Romanos 1. Alguns dirão que ela se refere ao caso de prostituição cúltica e promiscuidade. Gays e lésbicas celibatários ou em relacionamentos estáveis e monogâmicos, devem ser aceitos na Igreja, valendo para eles os mesmos preceitos morais dos heterossexuais. Outros dirão que tal passagem, embora voltada originalmente aos pagãos que se prostituíam com pessoas do mesmo sexo em templos romanos, vale a todos os homossexuais, e que a homossexualidade por si só, é pecado.

Anglicanos, contudo, não podem se resumir apenas a uma ou outra visão da Bíblia. Têm que engajá-las em diálogo com a Tradição e a Razão e, embora a primeira não tenha muito a dizer, a segunda aponta para uma série de resoluções de médicos e psicólogos contrárias aos tratamentos sem sentido para reverter a sexualidade de alguém. Isso porque, através da própria experimentação científica, verificou-se que homossexuais que se aceitavam viviam funcionalmente em sociedade muito melhor que pessoas buscando incessantemente mudar. Descobertas das ciências biológicas só vieram corroborar tal fato. A biologia mesmo, já documentou centenas de espécies animais com comportamento homossexual in natura.

Outro aspecto digno de nota é que, enxergar à luz da Bíblia, da Tradição e da Razão que a homossexualidade não é pecado não significa o abandono na crença da economia da Salvação e das fórmulas descritas nos credos. E, de fato, a imensa maioria de homossexuais e seus aliados nas Igrejas pensa de forma bastante similar aos conservadores, quando analisam os credos da Igreja.

3. Comunhão Anglicana: uma Fonte de Ortodoxia Generosa



A Igreja Anglicana, em sua história, sempre foi beneficiada por um sopro de liberdade, o qual determinou passo-a-passo sua postura tolerante à diversidade. No Sínodo de Whitby⁸ houve espaço para a integração da Igreja Celta ao restante da Igreja, preservando algumas de suas tradições. O acordo elizabetano, já depois da reforma, buscava juntar sob o mesmo teto tanto a Igreja Alta quanto a Igreja Baixa. Mesmo os trinta e nove artigos (hoje vistos como históricos apenas em grande parte das províncias anglicanas) eram, em teor, muito menos dogmáticos e restritivos que a maioria das confissões reformadas e que as diretrizes romanas da Contra-Reforma.

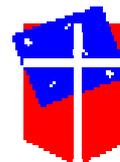
A emancipação de províncias anglicanas e os trabalhos missionários pelo mundo afora acabaram por determinar a necessidade de pontos de comum acordo entre tais igrejas. E é nesse ponto que surge o supracitado Quadrilátero de Chicago-Lambeth:

- (a) As Escrituras Sagradas do Velho e Novo Testamentos, "contendo tudo o que é necessário para a salvação", como a regra e padrão de fé.
- (b) O Credo dos Apóstolos, como símbolo batismal; e o Credo Niceno, como a declaração suficiente da fé cristã.
- (c) Os dois sacramentos ordenados por Cristo: Batismo e Ceia do Senhor - ministrados com o uso infalível das palavras de Cristo, e dos elementos ordenados por Ele.
- (d) O Episcopado Histórico, adaptado localmente nos métodos de administração às necessidades variadas das nações e povos chamados por Deus para unidade de Sua Igreja.

Tais pontos garantiram, da forma mais simples possível, a preservação da catolicidade da Igreja Anglicana (a qual resistiu, mesmo precariamente, às investidas séculos antes para torná-la uma igreja protestante), ao reafirmarem o episcopado histórico, a tradição dos credos, os sacramentos e as Sagradas Escrituras.

Os mesmos pontos, contudo, permitem uma ampla variedade de interpretações e práticas dentro do seio da Igreja. Há espaço tanto para aqueles que crêem na inerrância bíblica quanto para aqueles que usam o método histórico-crítico para analisá-la. Coexistem tanto os que crêem em dois sacramentos apenas, quanto aqueles que enxergam haver outros cinco mais. Os credos são interpretados de variadas formas, como por exemplo, no tocante à Comunhão dos Santos, onde católicos e evangélicos diferem profundamente. Nada se diz quanto a rituais, ou quanto a casamentos, divórcios, contracepção e homossexualidade. Entende-se que

⁸ Silva, Nathanael D. da. *A Igreja Militante*. Porto Alegre: Ecclesia, 1951.



uma Igreja realmente católica saberá tratar dentro do âmbito da vivência intra e inter-comunitária de todas essas controvérsias.

A tradição do Livro de Oração Comum permite que mantenhamos esse diálogo falando uma mesma língua. Ao rezarmos juntos, sem amarrar gestos, vestes, arquiteturas ou procedimentos, recriamos a diversidade do Pentecostes, onde povos de vários lugares e origens falavam a mesma língua. O “carisma pentecostal” do Anglicanismo manifesta-se nessa habilidade de permitir que em diferentes línguas, povos, estilos litúrgicos e adaptações locais, todos aqueles cristãos estejam falando a mesma língua ao dirigirem-se a Deus, em adoração. Foi nesse espírito que surgiram os instrumentos de comunhão: Arcebispo de Cantuária (*primus inter pares*), as Conferências de Lambeth, as Reuniões de Primazes e o Conselho Consultivo. A integração entre eles, sempre em caráter sugestivo e nunca autoritativo, é que, aliada à autonomia provincial, deveria garantir o equilíbrio entre os diferentes pólos que constituem a Comunhão Anglicana.

Essa tolerância e liberdade autonômica é que garantem ao Anglicanismo uma ortodoxia generosa. Ortodoxia essa que se manifesta na crença e preservação dos pontos básicos de nossa fé, expressos nos credos, dos sacramentos da Igreja, das Escrituras Sagradas e da estrutura herdada do início da era cristã, mas entendendo a diversidade de interpretações e práticas de acordo com realidades locais. Essa diversidade, ao contrário de separar, é teoricamente a razão principal de interdependência e enriquecimento mútuo entre paróquias, dioceses e províncias. Com razoável dificuldade, e com a ajuda de grandes líderes, tal estrutura de tensão manteve-se equilibrada a despeito de controvérsias como o criticismo bíblico, a aceitação do divórcio, da contracepção e da ordenação feminina. Ouso dizer que, com um pouco de tolerância e entendimento mútuo, tal fórmula seria capaz de absorver as diferentes visões em relação à homossexualidade, sem prejudicar a catolicidade da Igreja Anglicana (como entendida pelos anglicanos) e os pontos de comum-acordo definidos entre as diversas províncias da Comunhão Anglicana.

Portanto, fazer parte dessa estrutura chamada Comunhão Anglicana é se entregar a essa ortodoxia gentil, na qual as crenças da Igreja se harmonizam com uma sociedade plural e diversa. Ser anglicano é aprender a concordar na essência e respeitar a divergência em todo o resto. Quem prega o oposto e busca a ruptura em tal comunhão ao invés do engajamento de idéias, ou uma confissão de fé restrita é quem, na verdade, está abandonando a comunhão e o espírito do Anglicanismo.

Vale a pena, ainda, apostar nessa quimera. Se formos bem-sucedidos, talvez estejamos dando um testemunho de fé à Cristandade como um todo.